

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2024-04-26

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Santana Pereira, J. & Lima, M. (2023). Variedades de atitudes populistas em Portugal. In André Freire, Guya Accornero, Viriato Queiroga, Maria Asensio, José Santana Pereira, Helena Belchior Rocha (Ed.), *Da austeridade à pandemia: Portugal e a Europa entre as crises e as inovações*. (pp. 313-327).: Mundos Sociais.

Further information on publisher's website:

https://www.mundossociais.com/livro/da-austeridade-a-pandemia/136?fbclid=IwAR1K4NcxUxcCuCGreF2-58oOy6nzcgetn6-J6G4_BCUQkzclwdM2bQJ15h8

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Santana Pereira, J. & Lima, M. (2023). *Variedades de atitudes populistas em Portugal*. In André Freire, Guya Accornero, Viriato Queiroga, Maria Asensio, José Santana Pereira, Helena Belchior Rocha (Ed.), *Da austeridade à pandemia: Portugal e a Europa entre as crises e as inovações*. (pp. 313-327).: Mundos Sociais.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Variedades de atitudes populistas em Portugal

José Santana Pereira e Máisa Lima

Introdução

Nas últimas décadas, a ciência política tem conhecido um aumento da produção académica sobre populismo, fenómeno que se deve à ascensão de partidos populistas e partidos-movimento na Europa e nas Américas (Hawkins e Rovira Kaltwasser, 2017; Mudde e Rovira Kaltwasser, 2017; Rooduijn, 2018). Entre outros desenvolvimentos, a investigação sobre populismo identificou um grau considerável de variação em termos da natureza deste fenómeno, distinguindo, por exemplo, entre populismo inclusivo e exclusivo e/ou entre populismo de direita e de esquerda (Mudde e Rovira Kaltwasser, 2013; March, 2017; Hamelers *et al.*, 2018). Pelo contrário, a linha de pesquisa sobre atitudes populistas tem vindo a concentrar-se acima de tudo nos elementos básicos do populismo — povo-centrismo, antielitismo e apelo à soberania popular (Mudde, 2004) — negligenciando, com notáveis exceções (ex.: Tsatsanis *et al.*, 2018; Hamelers e De Vreese, 2020), as variedades potencialmente existentes entre os cidadãos populistas.

Neste capítulo, propomos expandir o conhecimento sobre a natureza das atitudes populistas, explorando a variedade que podemos encontrar sob o guarda-chuva concetual geral do populismo, bem como os seus correlatos socioeconómicos e em termos de posições e preferências políticas. O caso português é particularmente adequado para realizar este estudo, dado o facto de Portugal ter constituído, até 2019, um dos raros países do continente europeu em que não se dera a afirmação de um partido populista de direita radical (Quintas da Silva, 2018). Este fenómeno é particularmente interessante se considerarmos que o país foi um dos mais atingidos pela Grande Recessão, ao ponto de ter sido alvo de intervenção externa entre 2011 e 2014. No entanto, estes acontecimentos não resultaram no advento e/ou crescimento da oferta populista como no resto da Europa do Sul (Santana Pereira e Cancela, 2020).

Ao mesmo tempo, o grau de populismo identificado na população é particularmente elevado, nada ficando a dever aos de países em que existem forças políticas populistas de esquerda e de direita afirmadas (De Giorgi e Santana Pereira, 2020). Assim, ao contrário do que terá acontecido noutros países afetados pela crise

financeira de há 15 anos, nomeadamente na Grécia (Hawkins *et al.*, 2020), os eventos sucessivos à Grande Recessão não terão criado um contexto propício à ativação das atitudes populistas dos cidadãos. Até que ponto é que esta especificidade do caso português não se explica, pelo menos em parte, pela prevalência de subtipos de atitudes populistas na população que são, de algum modo, incongruentes com as goradas tentativas de ativação que aconteceram ao longo da última década (cf. Salgado e Zúquete, 2017)?

Para lançar luz sobre esta questão, recorreremos a dados de inquérito recolhidos em Portugal no ano de 2018, e identificamos no conjunto de indivíduos com fortes atitudes populistas o seu grau de adesão a atitudes tradicionalmente associadas ao populismo de esquerda (desconfiança nas instituições económico-financeiras) e ao populismo de direita (atitudes negativas em relação aos imigrantes e homossexuais), bem como a outras que não se enquadram necessariamente nesta distinção esquerda/direita, mas que têm sido associadas ao populismo (desconfiança nos média).¹ Recorremos à técnica de análise de *clusters*, com o objetivo de identificar subtipos com base nas atitudes acima elencadas. Numa segunda etapa, exploramos as características socioeconómicas e preferências políticas de cada subtipo. Com este contributo, seremos capazes de oferecer um retrato mais matizado deste fenómeno num contexto em que, como veremos, uma porção não despreciada dos cidadãos apresenta uma pontuação bastante alta no índice de atitudes populistas e em que eventos extremos não foram capazes de ativar estas atitudes.

Este capítulo encontra-se estruturado da seguinte forma. Em seguida, procedemos à revisão da literatura, definindo o conceito de populismo, identificando os principais contributos no estudo deste fenómeno sob a ótica da oferta (partidos e elites) e procura (cidadãos), analisando a produção científica sobre o caso português e discutindo a literatura sobre diferentes variedades de populismo e os seus correlatos, com base na qual estabelecemos um conjunto de hipóteses a testar. Na terceira secção, é descrita a metodologia adotada com vista ao teste destas hipóteses. Depois, apresentam-se os resultados da análise de *clusters* e da caracterização dos subgrupos identificados. O capítulo termina com a sumarização e discussão dos principais padrões observados.

Revisão da literatura

Populismo e atitudes populistas

Neste capítulo, adotamos a definição de populismo como uma ideologia de baixa densidade que “considera a sociedade como separada em dois grupos homogéneos e antagónicos, “o povo puro” *versus* “a elite corrupta”, e que defende que a política deve ser uma expressão da *volonté générale* (vontade geral) do povo” (Mudde,

1 Este inquérito (Freire *et al.*, 2018) foi o primeiro a recolher informação sobre atitudes populistas em Portugal.

2004: 543, nossa tradução). A produção académica sobre o fenómeno tem testemunhado um consenso crescente em torno desta abordagem ideacional, considerada analítica e metodologicamente conveniente (Hawkins e Rovira Kaltwasser, 2017).²

O lado da oferta do populismo — os atores políticos e a sua retórica populista — tem ocupado o palco principal na produção científica neste campo, (ex.: Mudde, 2007; Jagers e Walgrave, 2007; March, 2017; Rooduijn, 2018). Por sua vez, a investigação sobre a procura — os cidadãos com atitudes populistas e/ou que votam em partidos populistas — é mais modesta e recente, embora tenha vindo a crescer consideravelmente nos últimos anos.

Um passo importante no desenvolvimento deste subtópico de pesquisa foi a proposta da primeira escala de atitudes populistas, com base na conceção ideacional do conceito — ou seja, focada nas ideias de povo-centrismo, antielitismo e reforço da soberania popular (Akkerman *et al.*, 2014). Desde então, os investigadores têm-se dedicado à identificação dos fatores que explicam diferenças individuais na expressão destas atitudes, explorando variáveis como idade e género (Hawkins *et al.*, 2012; Elchardus e Spruyt, 2016), o estatuto socioeconómico (Elchardus e Spruyt, 2016; Tsatsanis *et al.*, 2018; Rico e Anduiza, 2019), as atitudes em relação à imigração e à União Europeia (Hawkins *et al.*, 2012; Hameleers e De Vreese, 2020), o posicionamento ideológico (Tsatsanis *et al.*, 2018) ou a relação com a esfera da política (Hawkins *et al.*, 2012). Outros trabalhos têm investigado até que ponto as atitudes populistas têm impacto no voto em partidos populistas (Akkerman *et al.*, 2014; Rico *et al.*, 2017; Hameleers e De Vreese, 2020), na probabilidade de votar (Akkerman *et al.*, 2014; Anduiza *et al.*, 2019; Hameleers e De Vreese, 2020; Santana Pereira e Cancela 2020; Zaslove *et al.*, 2021) e noutras formas de participação política (Anduiza *et al.*, 2019; Santana Pereira, 2020). Em linhas gerais, a investigação tem sublinhado a relevância das atitudes populistas como predictoras do comportamento eleitoral e da participação política.

Populismo e atitudes populistas em Portugal

Até 2019, Portugal apresentava uma forte resistência à tendência de crescimento do populismo na Europa (Salgado e Zúquete, 2017; Quintas da Silva, 2018; Salgado, 2019), sendo de facto uma exceção no panorama europeu pela ausência de partidos consensualmente designáveis como populistas no parlamento (Santana Pereira e Cancela, 2020). De facto, os níveis de populismo dos partidos com assento parlamentar tenderam a ser bastante modestos ao longo das últimas décadas (Lisi e Borghetto, 2018), e os atores populistas extraparlamentares e/ou que apareceram neste período não foram particularmente bem-sucedidos (Salgado e Zúquete, 2017). Um contexto de baixo euroceticismo, baixa imigração, elevada abstenção e fragilidades estruturais e idiossincráticas por parte de novos *entrepreneurs* políticos foram apresentados como explicação para a excecionalidade portuguesa (Quintas

2 Ao mesmo tempo, abordagens normativistas como a de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (ex.: 1986) têm perdido algum fôlego e impacto nos trabalhos empíricos sobre o assunto realizados em ciência política.

da Silva, 2018; ver também Salgado e Zúquete, 2017; Santana Pereira e Cancela, 2020). Esta realidade, no entanto, mudou nos últimos anos, com a ascensão do partido populista de direita radical Chega (Marchi, 2020), que entrou no Parlamento em finais de 2019 e conseguiu, em 2022, tornar-se no terceiro partido parlamentar.

O que dizer do populismo na esfera atitudinal? Salgado (2019) apontou para um considerável grau de populismo (de tipo excludente) por parte de quem comenta notícias *online* e publicações de partidos nas suas redes sociais, com destaque para a página do partido de extrema-direita Partido Nacional Renovador (PNR).³ Esta presença *online* do discurso populista dos indivíduos seria indicativa, assim, de uma procura latente no país, ainda que talvez pouco expressiva ou representativa. Mais tarde, e beneficiando dos primeiros dados sobre atitudes populistas recolhidos em Portugal, Santana Pereira e Cancela (2020) e De Giorgi e Santana Pereira (2020) demonstraram que os níveis de populismo nos cidadãos portugueses são elevados, ao nível dos encontrados noutros países da Europa do Sul. Confirma-se, portanto, que a então “alegada ausência de partidos populistas no país não se deu devido à falta de procura, mas sim à falta de oferta” convincente (Santana Pereira e Cancela, 2020: 222, tradução nossa). Em termos gerais, os cidadãos portugueses fortemente populistas são ideologicamente radicais, insatisfeitos com o desempenho das instituições políticas e menos capazes de achar um partido de que se considerem próximos (Santana Pereira e Cancela, 2020), mas não apresentam taxas de participação política inferiores às dos não populistas (Santana Pereira, 2020).

Varietades de atitudes populistas? Literatura e hipóteses

A natureza de baixa densidade do populismo, que destaca o núcleo deste fenómeno como sendo a oposição moralista entre “o povo puro” e “a elite corrupta” e a busca da “vontade geral” do povo, faz com que este se deva associar a uma ideologia mais robusta, com mais conteúdo (Mudde, 2004; Mudde e Rovira Kaltwasser, 2013) — uma ideologia anfitriã. As ideologias de esquerda e de direita são ambas possibilidades aliantes, dependendo do contexto. Como resultado, tanto a esquerda como a direita populista reconhecem o antagonismo entre o povo e a elite, mas estas entidades são definidas de forma diferente (Mudde, 2017). A direita populista considera os valores e o comportamento de alguns grupos de cidadãos irreconciliáveis com o interesse geral do povo. Portanto, alguns segmentos específicos da população são estigmatizados e excluídos do conceito de “povo puro”; são definidos como uma ameaça e um fardo para a sociedade. Esses grupos podem ser refugiados, imigrantes (Gandesha, 2018) e outras minorias, como os homossexuais (cf. Mole *et al.*, 2021). Uma postura excludente, com atitudes negativas sobre imigrantes e outros exogrupos, seria assim um apanágio dos populistas de direita. Por sua vez, a esquerda populista constrói o conceito de povo em torno das estruturas e instituições sociais, tais como o Estado e os detentores do capital e dos meios de produção, e conseqüentemente não se debruça sobre “o outro” (Gandesha, 2018),

3 Em julho de 2020, este partido mudou de designação, chamando-se atualmente *Ergue-te*.

exceto na medida em que olha para as elites económicas como não fazendo parte do povo.

A investigação sobre as variedades de populismo tem-se concentrado no lado da oferta, analisando partidos e atores políticos (ex.: Jagers e Walgrave, 2007; Mudde e Rovira Kaltwasser, 2013; Ivaldi *et al.*, 2017; March, 2017; Rooduijn e Akkerman, 2017). Está menos desenvolvida a linha de investigação sobre a variedade de atitudes populistas na população, lacuna que desejamos contribuir para colmatar com a investigação reportada neste capítulo. Como exceções, destacamos os trabalhos de Akkerman *et al.* (2017), Rooduijn (2018), Tsatsanis *et al.* (2018) ou Hameleers e De Vreese (2020), que demonstram uma forte relação entre atitudes populistas de direita ou voto em partidos populistas de direita radical e atitudes excludentes de exogrupos ou anti-imigração. Esta linha de investigação também demonstrou que a confiança nas grandes empresas é menor junto do eleitorado de partidos populistas de esquerda radical do que daqueles que votam na direita radical populista ou noutros partidos (Akkerman *et al.*, 2017). Merece ainda destaque o contributo teórico de Hameleers (2018), que distingue, no lado dos recetores da comunicação política, dois tipos de atitudes: excludentes (ligadas à superioridade do endogrupo ante exogrupos) e *antiestablishment* (incluindo atitudes antielites económicas, anti-especialistas e anti-massmedia). Além disso, apesar de alguma investigação ter identificado uma relação entre uma visão do mundo populista e baixos níveis de confiança nos média, nem todas as componentes do populismo implicam desconfiança nos média (Fawzi, 2019), o que abre a porta à possibilidade de identificarmos diferentes graus de confiança nos média por parte de diferentes subtipos de cidadãos populistas. Assim, com base nestas, consideramos que:

Hipótese 1: os cidadãos com fortes atitudes populistas podem ser divididos em subgrupos com base nas suas atitudes em relação a grupos minoritários, a elites económico-financeiras e aos média.

Hipótese 2: os subgrupos identificados estarão em linha com a clivagem entre populismo de direita e populismo de esquerda.

Quanto às características concretas de cada subgrupo, ou os seus correlatos socioeconómicos, analisamos sexo, idade, classe social e escolaridade. Um estudo comparativo verificou que os homens, os mais velhos, os desempregados e os menos escolarizados eram mais propensos a exprimir atitudes populistas (Rovira Kaltwasser e van Hauwaert, 2020). No entanto, estes mesmos autores reportam que a relação entre as atitudes populistas e estas variáveis era mais forte na Europa (onde é prevalecte, embora não exclusivo, um modelo de populismo de direita radical) do que na América Latina, onde o modelo mais comum é o populismo de esquerda. Assim sendo, espera-se que:

Hipótese 3: os subgrupos identificados apresentarão características sociodemográficas distintas, nomeadamente em termos de sexo, idade, escolaridade e classe social.

O posicionamento ideológico dos inquiridos é um fator particularmente relevante, dada a tradicional distinção entre populismo de esquerda e de direita na literatura (ex.: March, 2017; Hameleers *et al.*, 2018). Um estudo sobre o caso português demonstrou que o extremismo ideológico (i.e., dizer-se de esquerda ou de direita, e não de centro) estava correlacionado com a expressão de atitudes populistas (Santana Pereira e Cancela, 2020), o que aponta para a coexistência de cidadãos com atitudes populistas de esquerda e de direita no país. Assim, tendo isto em conta, e tendo sido criada uma tipologia quase completamente com base em atitudes típicas do populismo excludente/de direita e de esquerda, esperamos que o autoposicionamento ideológico dos membros de cada grupo também varie, e que varie em linha com as atitudes expressas dentro de cada grupo:

Hipótese 4a: o subgrupo com atitudes mais negativas em relação a grupos minoritários apresentará um posicionamento ideológico mais à direita que o(s) restante(s).

Hipótese 4b: o subgrupo com atitudes mais negativas em relação a elites económico-financeiras apresentará um posicionamento ideológico mais à esquerda que o(s) restante(s).

Quanto à identificação partidária, Santana Pereira e Cancela (2020) reportam uma relação inversa entre expressão de atitudes populistas e proximidade a um partido. No entanto, a evidência internacional aponta para que uma menor afinidade partidária por parte dos cidadãos populistas seja apanágio da Europa e não da América Latina (Rovira Kaltwasser e van Hauwaert, 2020). Aqui, especulamos que os diferentes graus de partidarismo dos cidadãos com fortes atitudes populistas podem ser resultado da oferta num dado contexto em concomitância com o abraçar de diferentes tipos de atitudes populistas. Tendo em conta a inexistência de partidos populistas de direita radical no país em 2018 e os níveis não despidiendos, embora modestos, de populismo nos partidos parlamentares mais à esquerda (Lisi e Borghetto, 2018), espera-se então que:

Hipótese 5: o subgrupo mais próximo do populismo de esquerda apresentará a maior proporção de membros que reportam uma simpatia partidária.

Quanto à avaliação do funcionamento da democracia, a evidência aponta para que os cidadãos com atitudes populistas mais vincadas exprimam níveis mais baixos de satisfação (Bowler *et al.*, 2017; Rovira Kaltwasser e van Hauwaert, 2020). Até que ponto é que, num contexto de governo de centro-esquerda, apoiado pelos partidos de esquerda radical com algum grau de populismo no seu discurso (Lisi e Borghetto, 2018), como o da “Geringonça” de 2015-2019 (cf. Fernandes *et al.*, 2018), os membros do subgrupo mais próximos da esquerda estarão menos insatisfeitos com o funcionamento da democracia?

Hipótese 6: o subgrupo mais próximo da esquerda apresentará o menor grau de insatisfação com o funcionamento da democracia.

Analisamos também as atitudes dos diferentes subgrupos no que toca ao referendo, instrumento de democracia direta que recai no âmbito do apelo ao reforço da soberania popular inerente ao populismo (Mudde, 2004). Jacobs *et al.* (2018) reportam que os cidadãos com fortes atitudes populistas têm uma maior probabilidade de expressar apoio ao instrumento do referendo, mas Bowler *et al.* (2017) e Roodu-ijn (2018) não observam uma relação entre atitudes em relação a este instrumento e voto em partidos populistas de esquerda. Estes resultados mistos poderão dever-se ao facto de estes trabalhos se terem debruçado sobre diferentes subtipos de eleitores populistas. Assim, hipotetizamos que:

Hipótese 7: os subgrupos identificados apresentarão diferentes níveis de apoio a uma liberalização do acesso ao instrumento do referendo.

Por fim, olhamos para a posição perante um governo por parte de um líder forte que não tenha de se preocupar com eleições ou o parlamento. A preferência por lideranças fortes está no âmago do populismo (Mudde e Rovira Kaltwasser, 2016), e existe evidência de que os eleitores de partidos populistas de direita radical são mais favoráveis a esta possibilidade, bem como que isso se deve acima de tudo às suas atitudes populistas e não apenas à sua ideologia de direita (Tsatsanis *et al.*, 2018; Donovan, 2020). Com base nestes resultados, esperamos que:

Hipótese 8: o subgrupo mais próximo da direita apresentará a avaliação mais positiva da possibilidade de o país ser governado por um líder forte que não tenha de se preocupar com o parlamento ou com eleições.

Método

Neste estudo, utilizamos os dados de inquérito (N=1375) recolhidos entre março e junho de 2018 pelo projecto *Crise, Representação Política e Renovação Democrática: O Caso Português no Contexto da Europa do Sul* (Freire *et al.*, 2018).

O tratamento destes dados foi realizado em várias etapas. Em primeiro lugar, identificámos os inquiridos com forte adesão ao ideário populista. Para tal, criámos um índice de atitudes populistas (Alpha de Cronbach = 0,78) com base nos seis itens da escala de Akkerman *et al.* (2014), que varia entre 1 (rejeição do ideário populista) e 5 (expressão total do ideário populista).⁴ Por fim, foram seleccionados os inquiridos que apresentavam níveis elevados de atitudes populistas — aqueles

4 “Os deputados têm de seguir a vontade das pessoas”, “As decisões mais importantes devem ser tomadas pelas pessoas, não pelos políticos”, “As diferenças políticas entre a elite e as pessoas são maiores do que as diferenças políticas que existem entre as pessoas”, “Preferia ser representado por um cidadão do que por um político especializado”, “Os políticos eleitos falam demais e fazem de menos” e “O que as pessoas chamam ‘chegar a um compromisso’ em política é na verdade uma cedência em matéria de princípios”. Estes itens eram acompanhados por uma escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

com uma pontuação de 4 ou superior neste índice. Foram, assim, identificados 533 inquiridos com atitudes fortemente populistas, correspondentes a 38,7% da amostra.

Reduzida a amostra aos eleitores com fortes níveis de concordância com o ideário populista, procedeu-se então à análise de *clusters*. O método utilizado foi o de Ward, com medida de distância euclidiana entre casos e metodologia “do coto-velo” para identificação do número óptimo de *clusters*. Nesta análise, foram consideradas variáveis de tipo atitudinal como os níveis de confiança nos média, nas associações patronais, nas grandes empresas e nos bancos e sistema financeiro (escalas de 1 — “nenhuma confiança” a 4 — “muita confiança”), bem como atitudes perante os imigrantes (não são benéficos para a economia portuguesa; devia ser-lhes exigido que se adaptassem aos costumes nacionais; escalas de 1 — “discordo totalmente” a 5 — “concordo totalmente”) e aos casais do mesmo sexo (o seu casamento devia ser proibido por lei; não devem ser autorizados a adotar crianças; mesmas escalas da bateria anterior).

Por fim, identificaram-se as características de cada *cluster*, olhando para género (% de mulheres), idade (média), escolaridade (medida numa escala de 8 pontos, com níveis de instrução crescentes), classe social (4 pontos, com níveis crescentes), posicionamento ideológico (escala de 0 — “esquerda” a 10 — “direita”), identificação partidária (*dummy* que identifica os inquiridos que reportaram identificar-se com um partido), satisfação com o funcionamento da democracia em Portugal (medida numa escala de 1 — “nada satisfeito” a 4 — “muito satisfeito”), grau de concordância com a possibilidade de os cidadãos iniciarem referendos (escala de 1 — “discordo totalmente” a 5 — “concordo totalmente”), e avaliação da possibilidade de o país ser governado por um líder forte que não tenha de se preocupar com o parlamento e eleições (escala de 1 — “muito má” a 4 — “muito boa”).

Resultados

Da análise de *clusters* resultaram três grupos homogêneos no que diz respeito ao grau de confiança nos média e em instituições económico-financeiras bem como às atitudes perante imigrantes e homossexuais (quadro 19.1.). Os três grupos apresentam diferenças estatisticamente significativas entre si no que diz respeito a todos estes atributos, como é possível verificar na última coluna do quadro 19.1.

O primeiro *cluster* é caracterizado por níveis médios de confiança nas instituições económico-financeiras (com valores ligeiramente mais baixos no caso das associações patronais), bem como uma concordância baixa a média com proposições negativas sobre imigrantes e casais do mesmo sexo. Em termos substantivos, este subgrupo de inquiridos aparenta estar bastante próximo do ideal-tipo de populismo anti-elite política (cf. Hameleers *et al.*, 2018), sem componentes excludentes nem de antielitismo económico e mediático pronunciadas. Por sua vez, o segundo *cluster* distingue-se do primeiro por níveis ligeiramente mais baixos de confiança nas instituições económico-financeiras e nos média (com exceção da confiança nas associações patronais, idêntica nos dois grupos), bem como por atitudes comparavelmente mais

Quadro 19.1 Identificação dos três subgrupos de inquiridos populistas e a sua caracterização com base nas variáveis usadas na análise de *clusters*

	<i>Cluster 1</i>	<i>Cluster 2</i>	<i>Cluster 3</i>	<i>Diferenças (sig. do F-test)</i>
Confiança (escala de 1 a 4)				
Média	Média (2,31) ^a	Média-Baixa (1,96) ^b	Baixa (1,75) ^c	$p = 0,000$
Associações Patronais	Média-Baixa (2,14) ^a	Média-Baixa (2,00) ^a	Baixa (1,32) ^b	$p = 0,000$
Grandes empresas	Média (2,55) ^a	Média (2,26) ^b	Baixa (1,36) ^c	$p = 0,000$
Banca/Sistema Financeiro	Média (2,32) ^a	Baixa (1,57) ^b	Baixa (1,20) ^c	$p = 0,000$
Atitudes negativas face a grupos minoritários (grau de concordância, escala de 1 a 5)				
Devia ser exigido aos imigrantes que se adaptem costumes locais	Médio (2,88) ^a	Médio-Alto (3,90) ^b	Médio-Alto (3,88) ^b	$p = 0,000$
Os imigrantes não são benéficos para a economia nacional	Médio-baixo (2,26) ^a	Médio-baixo (2,62) ^b	Médio (2,94) ^c	$p = 0,000$
O casamento entre pessoas do mesmo sexo devia ser proibido por lei	Baixo (1,64) ^a	Médio (3,10) ^b	Baixo (1,65) ^a	$p = 0,000$
Os casais do mesmo sexo não devem ter a possibilidade de adotar crianças	Baixo (1,94) ^a	Médio-Alto (3,51) ^b	Médio-Baixo (2,18) ^a	$p = 0,000$
% de casos	25,70%	47,70%	26,60%	---
Classificação do cluster	Próximo do ideal-tipo de <i>populismo anti elite política</i>	Próximo do ideal-tipo de <i>populismo de direita</i>	Próximo do ideal-tipo de <i>populismo de esquerda</i>	

Nota: As letras superiores à linha identificam os subgrupos homogéneos em relação a cada variável, com base na análise *post-hoc* com método de Duncan realizada no âmbito de cada teste ANOVA para diferenças entre grupos.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do inquérito à população portuguesa de 2018 (Freire *et al.*, 2018).

negativas em relação aos homossexuais e aos imigrantes. Desta forma, este grupo aproxima-se do ideal-tipo de populismo de direita, excludente. Por fim, o terceiro *cluster* destaca-se dos restantes pelos níveis muito baixos de confiança nas elites económico-financeiras e nos média, bem como por atitudes mais favoráveis aos casais do mesmo sexo (mas não aos imigrantes) quando comparado com o *cluster 2*. Assim, este terceiro *cluster* encontra-se próximo do ideal-tipo do populismo de esquerda.

O encaixe entre os ideais-tipo teóricos e os grupos identificados empiricamente não é total, particularmente no caso dos grupos que rotulámos como de “de direita” e “de esquerda” (quadro 19.1.), o que aliás justifica a utilização de aspas. Em concreto, seria expectável observar junto dos primeiros um conjunto de atitudes em relação aos

imigrantes consideravelmente mais negativas do que as encontradas entre os cidadãos com fortes atitudes populistas “de esquerda”, o que não acontece. Como resultado, não é exatamente esta variável a distinguir claramente estes dois grupos. As diferenças são efetivamente mais claras quando olhamos para as atitudes em relação aos casais do mesmo sexo (mais negativas para os primeiros) e para a confiança nas instituições económico-financeiras e nos média (mais baixa no caso dos segundos).

Em suma, estes resultados permitem-nos confirmar a hipótese 1, dada a existência de variação considerável entre indivíduos com uma visão do mundo populista em termos das suas atitudes ante as elites económico-financeiras, aos média e a grupos minoritários. No entanto, a hipótese 2 é apenas parcialmente confirmada, quer devido à identificação de um terceiro subgrupo, quer porque os subgrupos “de direita” e “de esquerda” não encaixam totalmente nos ideais-tipo teóricos.

Antes de olharmos para as características e preferências de cada subgrupo, vale a pena destacar que o populismo “de direita” é o mais prevacente, dizendo respeito a quase metade dos indivíduos com atitudes populistas identificados. A outra metade divide-se quase equitativamente pelos grupos do populismo anti-elite política e “de esquerda” (quadro 19.1.).

Na análise do quadro 19.2., vemos que os indivíduos com atitudes populistas “de direita” são maioritariamente homens e, em média, mais velhos do que os membros dos restantes grupos. Escolaridade e classe social não variam de forma significativa entre estes grupos. A hipótese 3 é, assim, apenas parcialmente confirmada.

Além de um imperfeito encaixe no que diz respeito a atitudes perante os imigrantes, um segundo motivo pelo qual devemos matizar, usando aspas, as designações “de direita” e “de esquerda” atribuídas aos *clusters* 2 e 3 está ligado ao facto de que, no caso deste último, os seus integrantes posicionam-se, em média, exatamente ao centro do espectro esquerda-direita (como, de resto, os que expressam um populismo meramente antielitista). Assim sendo, a hipótese 4a não é confirmada. Além disso, o grupo com atitudes populistas “de esquerda” posiciona-se de facto mais à esquerda que os restantes, mas suficientemente perto do centro para que mereça, no máximo, o epíteto “centro-esquerda” (quadro 19.2.). De qualquer maneira, a diferença estatisticamente significativa permite-nos confirmar a hipótese 4b.

Não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos no que diz respeito à identificação partidária. O afastamento em relação aos partidos políticos é transversal aos vários grupos. Não se confirma assim uma maior facilidade por parte dos indivíduos com atitudes populistas “de esquerda” de encontrarem um partido de que se sintam próximos no contexto português de 2018 — esta é uma dificuldade sentida pela generalidade dos cidadãos com fortes atitudes populistas. Apesar de as diferenças não serem significativas, é até neste grupo “de esquerda” que encontramos a mais baixa percentagem de indivíduos que se identificam com um partido político (quadro 19.2.). A hipótese 5 é, conseqüentemente, rejeitada.

O facto de o grupo de populistas de “esquerda” ser também aquele que menos satisfação expressa com o funcionamento da democracia em Portugal deita por terra as nossas expectativas, desconfirmando a hipótese 6. Tendo em conta os resultados discutidos no parágrafo anterior, que apontam para que a maioria dos indivíduos com atitudes populistas “de esquerda” não se identificam com um partido, torna-se claro

Quadro 19.2 Caracterização dos três *clusters*

	Populismo <i>anti elite política</i>	Populismo <i>“de direita”</i>	Populismo <i>“de esquerda”</i>	Diferenças <i>(sig. do F-test)</i>
Género (% de mulheres)	58% ^a	36% ^b	50% ^a	$p = 0,000$
Idade	40,7 ^a	49,2 ^b	45,6 ^c	$p = 0,000$
Escolaridade	6,00 ^a	6,09 ^a	6,19 ^a	$p = 0,485$
Classe Social	3,04 ^a	3,05 ^a	3,15 ^a	$p = 0,464$
Ideologia	4,91 ^a	5,00 ^a	4,28 ^b	$p = 0,005$
Identificação Partidária (% que tem)	47% ^a	46% ^a	38% ^a	$p = 0,312$
Satisfação com a democracia	2,26 ^a	1,89 ^b	1,72 ^c	$p = 0,000$
Cidadãos deveriam poder iniciar referendos	4,06 ^a	4,09 ^a	4,25 ^a	$p = 0,095$
Governo por líder forte que não tenha de se preocupar como parlamento e eleições	2,45 ^a	2,55 ^a	2,20 ^b	$p = 0,006$

Nota: As letras superiores à linha identificam os subgrupos homogéneos em relação a cada variável, com base na análise *post-hoc* com método de Duncan realizada no âmbito de cada teste ANOVA para diferenças entre grupos.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do inquérito à população portuguesa de 2018 (Freire *et al.*, 2018).

porque é que a colaboração entre o Partido Socialista (PS) e os partidos à sua esquerda em 2015-2019 não deveria necessariamente resultar em níveis mais elevados de satisfação por parte destes indivíduos, como tínhamos hipotetizado.

O apoio à possibilidade de os cidadãos poderem iniciar um referendo é muito popular nos três grupos, o que nos obriga a rejeitar a hipótese 7. Por fim, os indivíduos com atitudes populistas “de esquerda” são aqueles que menos positivamente avaliam a possibilidade de um governo de tipo autoritário, sendo os “de direita” indistinguíveis dos pertencentes ao primeiro subgrupo (quadro 19.2.). Dado que estes dois grupos são também indistinguíveis em termos de posicionamento ideológico, situando-se mais à direita que o *cluster* 3, a hipótese 8 é confirmada.

Conclusões

Neste capítulo, explorámos a variedade de atitudes populistas em Portugal, com base em dados de inquérito recolhidos em 2018, ainda no rescaldo da Grande Recessão de 2008 e da intervenção externa de 2011-2014 e antes do advento do partido Chega, analisando as suas características em termos sociodemográficos e de preferências políticas. Os resultados apontam para que os cerca de 40% de indivíduos populistas identificados não são homogéneos no que diz respeito às suas atitudes perante as elites económico-financeiras, aos imigrantes, aos casais do mesmo sexo e aos média. Da análise realizada resultaram três grupos — populismo antielite política, com níveis médios de confiança nas elites económico-financeiras e nos média e baixos níveis de atitudes de exclusão de grupos minoritários, populismo “de direita” (com atitudes excludentes mais fortes) e populismo “de esquerda”, marcado pela baixa confiança nos média e nas elites económico-financeiras.

O encaixe entre os ideais-tipo teóricos e os subgrupos identificados não é, contudo, perfeito. Os indivíduos com atitudes populistas de “direita” estão, contudo, posicionados ao centro do espectro ideológico, sendo os “de esquerda”, em média, apenas ligeiramente mais próximos do polo esquerdista do espectro. Os populistas de “direita” são também mais numerosos e mais velhos do que os restantes, e há uma maior probabilidade de encontrar homens neste subgrupo do que nos restantes. Por sua vez, aqueles que expressam atitudes populistas “de esquerda” tendem a rejeitar a possibilidade de um governo por parte de um líder forte, sendo também os mais insatisfeitos com o funcionamento da democracia em Portugal.

Por sua vez, os que exprimem atitudes populistas antielites políticas distinguem-se dos demais acima de tudo por serem, em média, mais jovens, bem como aqueles com um menor nível de insatisfação com a democracia em Portugal. Este resultado, em concomitância com o facto de que este grupo é aquele que apresenta uma pontuação mais baixa no índice de populismo (4,2, contra 4,4 entre os populistas “de direita” e 4,5 entre os populistas “de esquerda”) sugere que poderemos estar perante um conjunto de indivíduos cuja expressão de atitudes populistas pode ser mais episódica e vazia de significado do que sistemática e enraizada em crenças. A investigação futura deverá lançar luz sobre esta possibilidade, tentando destrinçar entre atitudes populistas fortes, não ambivalentes, estáveis e congruentes e a mera expressão de preconceitos contra a elite política associados a uma defesa genérica da soberania popular.

Em suma, este estudo vem reforçar o argumento de que, tal como não existe apenas um tipo de partido populista, também não existe apenas uma única tipologia de atitudes populistas entre os cidadãos. Deste modo, sublinha a importância de matizar a análise do lado da procura nos processos de ascensão e declínio de projetos políticos populistas, sublinhando a possibilidade de o desfasamento entre oferta e procura em Portugal até 2019 (Santana Pereira e Cancela, 2020) se poder dever a um imperfeito encaixe entre oferta e procura de diferentes subtipos do fenómeno populista. De facto, apesar de, entre os populistas, o grupo numericamente mais forte ser o de populistas “de direita”, o seu posicionamento é muito menos extremo do que o de partidos como o PNR/Ergue-te, o que ajudará a explicar as fragilidades eleitorais deste último. O mesmo argumento poderia ser utilizado também à esquerda, contribuindo para o entendimento do insucesso eleitoral de propostas como as do Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses/Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (PCTP-MRPP) ou do Movimento Alternativa Socialista (MAS). Quanto aos populistas antielite política, levantámos acima a possibilidade de se tratar de cidadãos com atitudes populistas menos estáveis e incongruentes, expressas como tubo de escape de frustrações de curto prazo, o que também nos ajudaria a entender a rápida ascensão e queda do fenómeno antissistema Marinho e Pinto (Salgado e Zúquete, 2017).

Referências bibliográficas

- Akkerman, Agnes, Cas Mudde, e Andrej Zaslove (2014) "How populist are the people? Measuring populist attitudes in voters", *Comparative Political Studies*, 47 (9), pp. 1324-1353.
- Akkerman, Agnes, Andrej Zaslove, e Bram Spruyt (2017), "'We the people' or 'We the peoples'? A comparison of support for the populist radical right and populist radical left in the Netherlands", *Swiss Political Science Review*, 23 (4), pp. 377-403.
- Anduiza, Eva, Marc Guinjoan, e Guillem Rico (2019), "Populism, participation, and political equality", *European Political Science Review*, 11 (1), pp. 109-124.
- Bowler, Shaun, David Denemark, Todd Donovan e Duncan McDonnell (2017), "Right-wing populist party supporters: dissatisfied but not direct democrats", *European Journal of Political Research*, 56, pp. 70-91.
- De Giorgi, Elisabetta, e José Santana Pereira (2020) "The exceptional case of post-bailout Portugal: a comparative outlook", *South European Society and Politics*, 25 (2), pp. 127-150.
- Donovan, Todd (2020), "Right populist parties and support for strong leaders", *Party Politics*, doi: <https://doi.org/10.1177/1354068820920853>.
- Elchardus, Mark, e Bram Spruyt (2016), "Populism, persistent republicanism and declinism: an empirical analysis of populism as a thin ideology", *Government and Opposition*, 51 (1), pp. 111-133.
- Fawzi, Nayla (2019), "Untrustworthy news and the media as 'enemy of the people?': how a populist worldview shapes recipients' attitudes toward the media", *The International Journal of Press/Politics*, 24 (2), pp. 146-164.
- Fernandes, Jorge M., Pedro C. Magalhães e José Santana Pereira (2018), "Portugal's leftist government: from sick man to poster boy?", *South European Society and Politics*, 23 (4), pp. 503-524.
- Freire, André, Marco Lisi e Emmanouil Tsatsanis (2018), "Inquérito aos Cidadãos Portugueses 2016-2018", projeto *Crise, Representação Política e Renovação da Democracia: o Caso Português no Contexto do Sul da Europa*, FCT: PTDC/IVC-CPO/3098/2014, disponível em: <http://er.cies.iscte-iul.pt/>
- Gandesha, Samir (2018), "Understanding right and left populism", em Jeremiah Morelock (org.), *Critical Theory and Authoritarian Populism*, Londres, University of Westminster Press, pp. 49-70.
- Hameleers, Michael (2018), "A typology of populism: toward a revised theoretical framework on the sender side and receiver side of communication", *International Journal of Communication*, 12, pp. 2171-2190.
- Hameleers, Michael, et al. (2018), "Start spreading the news: a comparative experiment on the effects of populist communication on political engagement in sixteen European countries", *The International Journal of Press/Politics*, 23 (4), pp. 517-538.
- Hameleers, Michael, e Claes H. De Vreese (2020), "To whom are 'the people' opposed? Conceptualizing and measuring citizens' populist attitudes as a multidimensional construct", *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 30 (2), pp. 255-274.
- Hawkins, Kirk, Scott Riding, e Cas Mudde (2012), "Measuring populist attitudes", *Committee on Concepts and Methods*, Working Paper Series, Universidade da Geórgia.

- Hawkins, Kirk A., e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2017), "The ideational approach to populism", *Latin American Research Review*, 52 (4), pp. 1-16.
- Hawkins, Kirk A., Cristóbal Rovira Kaltwasser, e Ioannis Andreadis. (2020), "The activation of populist attitudes," *Government and Opposition*, 55 (2), pp. 283-307.
- Ivaldi, Gilles, Maria Elisabetta Lanzone, e Dwayne Woods (2017), "Varieties of populism across a left-right spectrum: the case of the Front National, the Northern League, Podemos and Five Star Movement", *Swiss Political Science Review*, 23 (4), pp. 354-376.
- Jacobs, Kristof, Agnes Akkerman e Andrej Zaslove (2018), "The voice of populist people? Referendum preferences, practices and populist attitudes", *Acta Politica*, 53, pp. 517-541.
- Jagers, Jan, e Stefaan Walgrave (2007), "Populism as political communication style: an empirical study of political parties' discourse in Belgium", *European Journal of Political Research*, 46 (3), pp. 319-345.
- Laclau, Ernesto, e Chantal Mouffe (1986), *Hegemony and Socialist Strategy. Towards a Radical Democratic Politics*, Londres e Nova Iorque, Verso.
- Lisi, Marco, e Enrico Borghetto (2018) "Populism, blame shifting and the crisis: discourse strategies in Portuguese political parties", *South European Society and Politics*, 23 (4), pp. 405-427.
- March, Luke (2017), "Left and right populism compared: the British case", *The British Journal of Politics and International Relations*, 19 (2), pp. 282-303.
- Marchi, Riccardo (2020), *A Nova Direita Anti-sistema: o Caso do Chega*, Lisboa, Edições 70.
- Mole, Richard C. M., Agnieszka Golec de Zavala, e Mahmut Murat Ardag (2021), "Homophobia and national collective narcissism in populist Poland", *European Journal of Sociology*, doi: <https://doi.org/10.1017/S0003975621000072>.
- Mudde, Cas (2004), "The populist zeitgeist", *Government and Opposition*, 39 (4), pp. 542-563.
- Mudde, Cas (2007), *Populist Radical Right Parties in Europe*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Mudde, Cas (2017), "Populism: an ideational approach", em Cristóbal Rovira Kaltwasser, Paul Taggart, Paulina Ochoa Espejo e Pierre Ostiguy (orgs.), *The Oxford Handbook of Populism*, Oxford, Oxford University Press, pp. 27-47.
- Mudde, Cas, e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2013), "Exclusionary vs. inclusionary populism: comparing contemporary Europe and Latin America", *Government and Opposition*, 48 (2), pp. 147-174.
- Mudde, Cas, e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2017) *Populism: a Very Short Introduction*, Nova Iorque, Oxford University Press.
- Quintas da Silva, Rodrigo (2018), "A Portuguese exception to right-wing populism", *Palgrave Communications*, 4 (7), pp. 1-5.
- Rico, Guillem, e Eva Anduiza (2019), "Economic correlates of populist attitudes: an analysis of nine European countries in the aftermath of the great recession", *Acta Politica*, 54, pp. 371-397.
- Rico, Guillem, Marc Guinjoan, e Eva Anduiza (2017), "The emotional underpinnings of populism: how anger and fear affect populist attitudes", *Swiss Political Science Review*, 23 (4), pp. 444-461.

- Rooduijn, Matthijs (2018), "What unites the voter bases of populist parties? Comparing the electorates of 15 populist parties", *European Political Science Review*, 10 (3), pp. 351-368.
- Rooduijn, Matthijs, e Tjitske Akkerman (2017), "Flank attacks: populism and left-right radicalism in Western Europe", *Party Politics*, 23 (3), pp. 193-204.
- Rovira Kaltwasser, Cristóbal, e Steven M. Van Hauwaert (2020), "The populist citizen: empirical evidence from Europe and Latin America", *European Political Science Review*, 12 (1), pp. 1-18.
- Salgado, Susana (2019), "Where's populism? Online media and the diffusion of populist discourses and styles in Portugal", *European Political Science*, 18, pp. 53-65.
- Salgado, Susana, e José Pedro Zúquete (2017) "Portugal: discreet populisms amid unfavorable contexts and stigmatization", em Toril Aalberg *et al.* (coords.), *Populist Political Communication in Europe*, Londres e Nova Iorque, Routledge, pp. 235-248.
- Santana Pereira, José (2020), "Put your action where your mouth is: a relação entre atitudes populistas e participação política em Portugal", *Relações Internacionais*, 67, pp. 57-72.
- Santana Pereira, José, e João Cancela (2020), "Demand without supply? Populist attitudes and voting behaviour in post-bailout Portugal", *South European Society and Politics*, 25 (2), pp. 205-228.
- Tsatsanis, Emmanouil, Ioannis Andreadis, e Eftichia Teperoglou (2018), "Populism from below: socio-economic and ideological correlates of mass attitudes in Greece", *South European Society and Politics*, 23 (4), pp. 429-450.
- Zaslove, Andrej, Bram Geurkink, Kristof Jacobs e Agnes Akkerman (2021), "Power to the people? Populism, democracy, and political participation: a citizen's perspective", *West European Politics*, 44 (4), pp. 727-751.